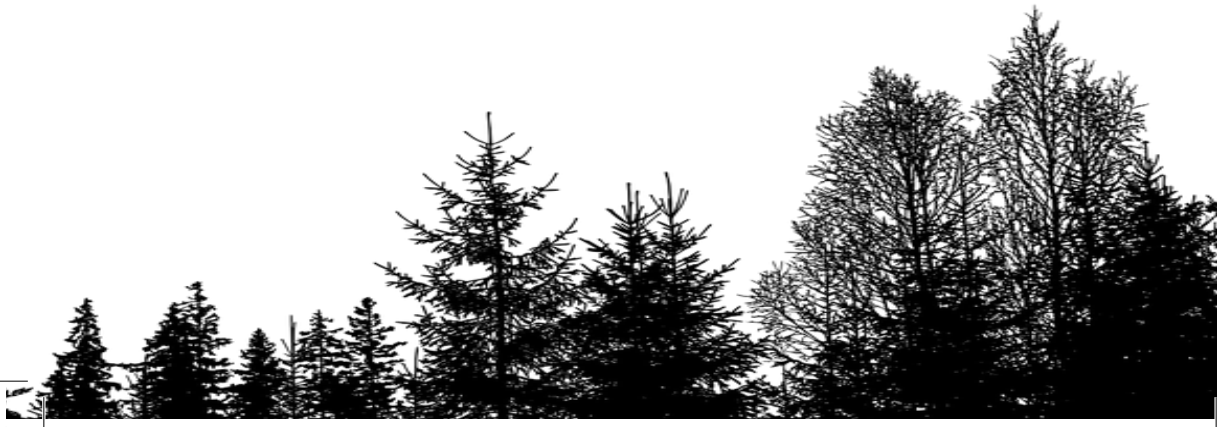
A Verdade sob as Certezas

À SOMBRA DO CAOS

Rita Gonçalinho



Título Original: A Verdade sob as Certezas
Autora: Rita Gonçalinho
Copyright © Rita Gonçalinho
Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Edição: Tânia Roberto
Revisão: Vânia Leite

Coordenação de Marketing: Iara Andrade
Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto
Design de Capa: Tânia Roberto e Filipe Rocha
Imagem de Capa: Pixabay
Marketeer: Tânia Roberto

1º Edição: julho de 2024
Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024
Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Instagram.com/editoranovageracao
Facebook.com/editoranovageracao

Depósito Legal: 535660/24
ISBN: 978-989-9166-70-7

Nova Geração
Editora

Queridos pais,

Sabem que vos amo, sempre amei e isso nunca vai mudar, mas não consigo deixar de me perguntar o porquê desta vossa herança: destinada a ser atacada, a mudar radicalmente a minha vida e a fugir das minhas rotinas que eram imprescindíveis ao meu bem-estar e à minha sanidade mental.

Não digo isto como se pensasse que a culpa é vossa, mas acredito que se vivesse convosco, nada disto teria acontecido. Sabia que, independentemente do que acontecesse, estariam lá para me apoiar, para me abraçar e dizer «Está tudo bem». Mas não está, nem voltará a estar. Desde que se foram embora que as coisas nunca mais voltaram ao que eram. Além de estranho, a cada dia que passa tudo está mais diferente. E esse é o problema. Até eu mudei. Se calhar já nem me reconheceriam.

Apesar de tudo, fico feliz por não verem no que me tornei. Fico feliz por estarem mais em paz do que eu e, principalmente, fico feliz por não ter de me despedir de vocês.

Este quarto parece mais vazio que nunca, sinto-o vazio como sinto o coração, sem vocês. Tenho saudades vossas, dos passeios, dos Natais, dos aniversários e tenho saudades da minha irmã mais velha, Janet, sempre com o seu sorriso brilhante. Tenho saudades daquela Jane com a força de uma vida. Gostava de ter o vosso apoio para conseguir ajudá-la a entender que a vida não acabou. Não para nós. E eu faria qualquer coisa por ela e, talvez por isso, me tenha metido nestas alhadas. Talvez ela não se tivesse tornado cega, igualmente vazia e solitária, agarrando, por isso, a primeira mão que lhe fora estendida, tornando-a mais vulnerável que nunca. Vocês saberiam o que fazer.

Gostava que estivessem aqui para a apoiar.

Ajudem-me porque já não sei o que fazer! É difícil compreender, aceitar e ajudar os outros. É difícil estar bem e sentir-me satisfeita com tudo o que acontece à minha volta.

Gostava que estivessem aqui para me apoiar.

Queria que a vida não fosse tão injusta e cruel ao ponto de vos ter levado! Queria que os nossos caminhos tivessem sido diferentes. Preciso do vosso carinho, apoio e compreensão!

Gostava, acima de tudo, de não ter de falar para o lugar vazio que deixaram no meu espírito. Que pudesse voltar a olhar-vos nos olhos e a ouvir as vossas vozes.

Apesar de tudo, por mais que estas saudades me doam, que sinta por vezes que não consigo aguentar, eu sei que passa. Tem de passar! A vida continua, a dor atenua e nós aprendemos a seguir em frente.

Eu vou sobreviver, custe o que custar, hei de ser feliz!

Um beijo,
Diane

Capítulo 1

Com a exceção de noites serenas como estas, todas as outras se pareciam com pequenos infernos.

Vivia numa zona pacata, isolada do resto do mundo, numa vila rodeada por uns quantos quilómetros de serras e pinhais. Era meu costume ficar em casa, a fazer trabalhos de casa ou tarefas domésticas e a ouvir música como qualquer outra adolescente da minha idade. Era um local sossegado, e ninguém adivinhava o que acontecia dentro daquela moradia, situada numa rua de sentido único, com vista para o pinhal à frente e separada das outras casas por muretes feitos em pedra.

Há dois anos a minha irmã mais velha, a Janet, convidou para morar connosco o seu namorado, o Josef, que era um bêbedo malcriado que gostava de lhe bater, fosse por prazer ou desculpando-se com o álcool.

Estava no início do ano letivo, a frequentar um curso profissional de artes de imagem, só o queria terminar para seguir com a minha vida, longe da confusão de casa e, por isso, esforçava-me bastante para ter boas notas e, consequentemente, conseguir um bom estágio onde me oferecessem uma oportunidade de emprego.

Os melhores momentos do meu dia eram passados na escola. Além de gostar do curso, conseguia abstrair-me quando estava com as minhas melhores amigas, a Anna e a Mary Anne e o David, o nosso melhor amigo.

Estava com ele e com a Anna no *Esplanada*, o café onde costumamos ir. Naquele fim de tarde de sábado, conversávamos animadamente enquanto esperávamos pela Mary Anne. Comentávamos as roupas ridículas da nossa professora de Inglês quando o rapaz resfolegou.

— Oh, Dave! Só estás assim porque ela te dá boas notas sem te esforçares. Fica à espera da notinha do teu pai no fim do ano! — resmungou a Anna sem papas na língua.

— Eu estudo bastante para as aulas de Inglês! Apenas sou da opinião de que devemos usar aquilo com que nos sentimos confortáveis — refutou.

— Claro! — apoiei a Anna. — Eu também me sentiria muito confortável cheia de base e pós e porcarias na cara, se o filho de um dos tipos mais ricos

da vila estivesse na minha aula pronto para me dar uma ajuda em troca de uma boa nota! — ri-me.

— Tu sabes que isso não é verdade! Cada um deve usar o que gosta, quem somos nós para julgar? — O David girou a sua chávena de café nas mãos.

— De facto, ninguém. A Mary Anne que não te ouça falares bem daquela professora ou ainda te manda internar.

— Deixa, Dee — disse a Anna. — Ele diz estas coisas, mas já olhaste para a namorada que foi arranjar? A Mary é naturalmente bonita, nunca precisaria de maquilhagem, logo nunca lhe vai pedir dinheiro para tal.

O David era herdeiro de uma pequena fortuna vinda, pelo menos, desde a geração dos seus avós. Havia detalhes disso no seu estilo: possuía um relógio daqueles multifunções escondido pela manga de uma camisa de marca, a roupa era passada a ferro por uma das suas empregadas domésticas, e conduzia um *Mercedes* preto relativamente recente. Havia, por isso, muitos interesseiros que se tentavam aproveitar, mas como nenhuma de nós mostrou interesse nesse aspeto da sua vida, ele acabara por se juntar ao grupo e, desde então, passou a fazer parte de nós como se tivéssemos crescido juntos. O David era um ano mais velho que eu e fazíamos anos no mesmo dia. Há três anos que celebrávamos na sua casa, como uma forma indireta de agradecer a amizade.

A Anna era o exato oposto de mim. Se eu tinha uns caracóis castanhos-claros volumosos pelos ombros, ela tinha o cabelo liso muito escuro até ao meio das costas. Se os meus olhos eram verdes, os dela eram da cor do chocolate negro, se eu apelava à calma e à paz de espírito, a Anna pedia aventura e excitação. Os únicos aspetos em comum eram a linha do corpo e a altura, que fazia com que parecesse que tínhamos crescido no mesmo vaso. Ambas medíamos um metro e sessenta e tínhamos aquilo a que se denomina «estilo básico e discreto».

— Parece-me que o teu olho de júri anda muito… — continuou o David.

— Shh! — disse a Anna de repente.

Calámo-nos e virámo-nos na direção do seu olhar. Por trás de mim, ao balcão, sentado num dos bancos altos, estava o Jeffrey, um colega nosso de turma. Revirei os olhos.

— Não vais começar…

— Está na hora de irmos pagar ou… Não queres um sumo, David? A Mary Anne deve estar a chegar! — A Anna levantou-se de um salto e quase correu na direção do balcão.

Eu e o David suspirámos e fomos atrás dela. A Anna não tinha limites e, às vezes, tinha de ser forçada a parar. Não obstante, insistia em dizer que possuía um olho de falcão para captar à distância mexericos que envolvessem certas pessoas.

— Coitado! — sussurrou o Dave.

A Anna olhava para o Jeffrey na sua forma mais assustadora, com uma sombra escura abaixo dos olhos, os lábios cerrados numa linha fina e os ombros tensos, tão tensos, que só de olhar fazia doer o pescoço, porém, ele mostrava-se calmo, apesar da impaciência ao esfregar os nós dos dedos no seu copo.

— O que fazes aqui? — perguntou a Anna, sombria.

— O mesmo que tu, suponho — respondeu o rapaz, evitando o seu olhar.

Eu sabia o porquê do drama. O Jeffrey viera para a nossa vila no término do primeiro ano do curso. Não mostrava grande interesse por nada em particular. Tal como eu, vivia com a sua irmã mais velha. Fora avistado várias vezes com más companhias e, no entanto, era um dos melhores da turma relativamente a notas. Pouco depois de se mudar para a nossa escola, começaram a ouvir-se boatos de assaltos, especulações de que ele era o cabecilha de um gangue. O problema no meio disto tudo era que o Jeffrey era incrivelmente atraente. Alto, com perto de um metro e oitenta, uma pele morena e cabelo escuro a descair sobre a testa, não tinha sinais ou qualquer marca de acne e, nos braços, distinguiam-se músculos definidos. Na teoria da Anna, nenhum rapaz assim tão atraente podia ser mau. Outra das teorias da minha melhor amiga é que era estranho ele andar sempre nos mesmos lugares que nós. «Devemos ser as próximas vítimas», dizia.

Fui chamada à realidade quando o Jeffrey tornou a falar:

— Posso fazer alguma coisa por vocês? Gostava de acabar o meu sumo, tenho pessoas à minha espera.

— Que pessoas? — disparou a Anna, ao que lhe dei uma cotovelada.

— Não tens nada que ver com isso — respondeu, fulminando-a com os seus olhos azuis.

— Vamos, Anna — disse-lhe, olhando na direção da nossa mesa onde já estava a Mary Anne de pé a olhar para nós e o David a chegar junto dela. — A Mary Anne já chegou. — Tentei puxá-la pela manga da camisola.

— Não, a sério, é que já ouvi muitas coisas sobre ti que gostava de tirar a limpo — ignorou-me e continuou para o Jeffrey.

— O que quer que tenhas ouvido, estou certo de que continuas a não ter nada que ver com isso. — O Jeffrey coçou o queixo indiferente, pousou uma nota em cima do balcão e foi-se embora, descontraído, sem mais uma palavra.

A Anna ficou a vê-lo caminhar por uns segundos e depois voltou a si.

— Aposto que é tudo verdade — disse, encaminhando-se para a mesa. — Acabou de pagar um sumo com uma nota.

— Se calhar gosta de deixar gorjetas. — Encolhi os ombros com descaso. — Tens de parar de te meter na vida das pessoas, qualquer dia pode correr mal.

— Ou se calhar roubou o dinheiro a um miúdo qualquer! — continuou. — Ou assaltou uma casa. Sei lá! Os boatos costumam ter um fundo de verdade. — Parecia muito segura de si.

A Anna era a típica revolta em pessoa. Não era nada acanhada e fazia exatamente o que lhe dava na real gana. Sem ter, nem respeitar os limites de ninguém. Houve alturas em que achava que tinha uma grande falta de empatia por todos os que não pertencessem ao nosso pequeno grupo, dando-lhe um ar de narcisista e egoísta. Era, na verdade, uma daquelas pessoas que se tem realmente de conhecer — o que já por si é uma tarefa difícil — para se aprender a gostar ou, pelo menos, compreender.

Sentámo-nos outra vez à mesa onde ficámos até o sol se pôr. Depois, liguei à minha irmã a dizer que ia passar a noite com a Anna para que não se preocupasse. Ao fim da tarde, já na sua casa, sentámo-nos no sofá com uma taça de pipocas a ver filmes de comédia e a discutir a relação tóxica dela com o Guz.

— Ele é um retardado. Pensa que não vejo a forma como fala com as outras raparigas. Eu vejo tudo! — disse a Anna com fingida frustração.

— Acho piada que te entreténs tanto a dar-nos conselhos amorosos quando tu és a pior de nós. És a única com uma relação tóxica.

— Olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço, nunca te disseram? — falou com a boca cheia.

— Tu, constantemente — disse-lhe.

Vimos o resto do filme em silêncio e, perto da uma da manhã, a Anna fez a segunda taça de pipocas e voltou à sala com uma expressão muito séria.

— O que foi? — perguntei-lhe.

— O Jeffrey… — começou.

— Meu Deus! Acho que estás apanhada da cabeça, Anna!

— Não estou, a sério que não! — disse com honestidade. — Mas é estranho. O que é que sabemos sobre ele? Nada! De onde veio? Não fazemos ideia. Porque é que mora com a irmã? Não sabemos. O que faz depois da escola? É uma incógnita. Como é que consegue ter a média mais alta da turma? Quem sabe? — Agitou as mãos, frustrada.

— Acho que estás a dramatizar um bocado. A mim ele parece-me bastante normal — argumentei.

— Toda a gente te parece normal, Diane. Eu digo-te a minha teoria. — Endireitou-se no sofá. — Acho que ele veio de uma escola de correção. Mora

com a irmã porque deve ser da mesma laia que ele, e os pais não aceitaram isso. E, cá para mim, anda a assaltar pessoas como *hobby* depois das aulas. Consegue boas notas porque… — pensou por uns segundos — porque obriga alguém a fazer os testes por ele ou chantageia os professores.

Ri-me alto e cruzei as pernas debaixo das mantas.

— Sabes qual é a minha teoria? Acho que ele veio morar com a irmã porque aqui temos este curso ou se calhar é órfão, assim como eu. Depois das aulas, provavelmente sai com os amigos, assim como nós ou fica em casa a estudar, daí ter boas notas. Se calhar ele é um craniozinho e interessa-se mesmo pelo curso, já pensaste?

— Isso chega a ser enfadonho. — Engelhou o nariz. — Tinha mais piada se ele assaltasse pessoas.

— Não te entendo! — disse, abafando uma gargalhada.

Adormecemos no decorrer do segundo filme, todas tortas no sofá e, pela manhã, acordámos cedo, vestimo-nos e fomos de novo ao *Esplanada*.

— Qual é o plano para hoje? — perguntei. — Não me apetecia muito ir para casa.

A Anna ainda bocejava quando respondeu:

— Eu vou almoçar com o parvo do meu namorado. Vocês, não sei. O David deve estar à espera da Mary Anne e, para variar, nunca chegam a horas.

— Ena, que bom humor para quem vai ter com o namorado — ri-me, habituada ao seu maravilhoso humor matinal.

— Namorado… Não será por muito tempo — disse entre dentes.

O David e a Mary Anne chegaram pouco depois, juntos como sempre. Ela era bonita no seu todo. Apesar de um pouco escanzelada, o cabelo cacheado loiro, a pele pálida a fazer sobressair as sardas e os lábios rosados tornavam-na bela como a flor extremamente delicada que era.

A Anna mudou o tom de voz no instante em que bebeu o seu café. Abrimos os cadernos em cima da mesa, apenas por meia hora para vermos um ou outro apontamento para o projeto de vídeo que tínhamos de fazer, até a Anna ficar aborrecida e insistir para que desistíssemos.

A Anna foi com o Guz, que a viera buscar, a Mary Anne fora para casa com o pai e o David comprometera-se a dar-me boleia, por isso fomos para o seu carro.

— Acho, sinceramente, que qualquer dia a Anna se vai meter em problemas a sério por se pôr a fazer perguntas a pessoas que nunca lhe deram confiança para tal — criticou o David, enquanto conduzia.

— Estou farta de lhe dizer isso. Ela tem tido sorte, mas aposto contigo que se fosse ao contrário, se fosse um estranho a fazer-lhe perguntas sobre

a sua vida privada, ela agiria como um tigre contra um veado. Atacava sem pensar duas vezes.

— A sorte dela é que a conhecemos há anos. Olha a tua irmã. Já está à tua espera.

— Ela anda nervosa outra vez — respondi quando o David parou o carro e acenou à Janet. — Já há muito tempo que não me vinha esperar à porta — suspirei e abri a porta. — Até depois, Dave.

Percorri a entrada em gravilha até chegar à Janet e esforcei-me por lhe mostrar um sorriso.

— Como passaste a noite? — perguntou a minha irmã, abrindo-me os braços quando a alcancei.

A Janet era ligeiramente mais alta do que eu, herdara os olhos da cor de mel da minha mãe e trazia sempre roupa informal, exceto quando ia trabalhar, porque a farda do supermercado consistia numa camisa branca, um pulôver roxo e umas calças pretas. Por norma, trazia os caracóis apanhados num carrapito e, em casa, andava com um avental.

— Correu bem — sorri-lhe. — O habitual, filmes, conversas de miúdas e pipocas. Estamos sozinhas?

— Sim, ele só vem à noitinha — disse com uma expressão de alívio.

A Janet, apesar de ser minha irmã, era o mais parecido que tinha de uma mãe. Além de ser a cara chapada da minha mãe, era um amor. Literalmente! Se o amor fosse uma pessoa, era a minha irmã. Não conheço e dificilmente encontraria alguém assim. Não era por ser minha irmã, mas a Jane era capaz de se sacrificar de tal forma pelo bem dos outros que acabava por ficar pior. O exemplo perfeito era a sua relação com o Josef. Para não o deixar na rua continuava com ele, rebaixando-se a um nível tão humilhante que metia dó. Deixara a sua paz para viver algo que não era saudável e não era, de todo, pacífico.

Entrámos em casa e, como em qualquer domingo, fizemos a limpeza e perto da hora de jantar. Enquanto cozinhávamos, ouvi as rodas a pisar a calçada. Um arrepio percorreu-me a espinha e olhei de relance para a Janet. O seu sorriso maravilhoso desaparecera, todo o seu corpo ficara rígido e as suas mãos tremiam ligeiramente, embora tentasse disfarçar o seu recém-nervosismo.

Capítulo 2

— Precisas de mais alguma coisa? — limitei-me a perguntar, ao que ela negou em silêncio e subi para o meu quarto.

A casa era composta por dois pisos. Em baixo, uma sala ampla e a cozinha separadas por uma porta e, ao pé das escadas, existia uma pequena casa de banho de serviço. As escadas em madeira davam para um corredor que separava o meu quarto e o da minha irmã e terminava numa casa de banho mais ampla. O andar de cima estendia-se apenas pelo tamanho da sala, pelo que ambos os quartos eram pequenos e tinham apenas a mobília necessária.

Fechei a porta do quarto, quando a da rua se abriu e, felizmente, nessa noite, o único som que vinha do andar de baixo era o da televisão.

Sabia que era cobardia da minha parte fugir quando o Josef chegava, mas depois de tantas discussões com a minha irmã, implorando para que o mandasse embora, oferecendo ajuda e soluções, após tantas birras e o facto de quase ser envolvida nas agressões do Josef, simplesmente desistira. Quem escolhia esta situação era a Janet, não eu. E se eu tinha de estar ali, ia afastar-me o mais possível de qualquer confronto com aquele sujeito imundo. Havia dias que, mesmo debaixo dos cobertores, tinha a sensação de sentir o cheiro do álcool. Era agoniante.

O meu telemóvel tiniu com a entrada de uma mensagem. Era da Anna.

O Guz já era.

Então? O que aconteceu?

Já era de prever, a Anna falava disso muitas vezes, cabeça quente como era, admirava-me não ter sido há mais tempo.

Começou a chorar e a dizer que eu era o amor da vida dele. Não acredito que estive quatro meses a namorar com uma rapariga.

Ri-me e deitei-me na cama de barriga para cima com os auriculares nos ouvidos e deixei a mente divagar. Acabei por adormecer, sem sonhar com nada em particular, apenas uma mistura de rostos e cores e, finalmente, os meus pais. Acordei a meio da noite, com a música a tocar e com a boca seca. Troquei a roupa do dia anterior pelo pijama para me deitar e o meu estômago rugiu no silêncio com a falta do jantar, por isso, desci as escadas até à cozinha. O silêncio era total. Fazia frio e o meu pijama era fino, então decidi aquecer um pouco de leite com chocolate para depois voltar para o quarto e aconchegar-me nos lençóis.

Quando abri o micro-ondas e tirei a caneca, ouvi barulhos arrastados no exterior, à frente da casa. Pousei a caneca em cima da bancada da cozinha. O som assemelhava-se a algo a ser arrastado algures na gravilha da propriedade.

Sem pensar muito no assunto, apaguei a luz e fui para perto da porta da rua, na sala. Há anos que não tinha medo do escuro, por isso forcei-me a pensar em explicações lógicas para o que pudesse ser, como um cão vadio ou um javali, ou alguém a tentar entrar em casa…

Estás a dramatizar.

Abri a porta da frente o suficiente para conseguir espreitar sem darem por mim na penumbra da casa. Os pinheiros do outro lado da rua baloiçavam com a brisa leve, mas, fora isso, nada parecia mover-se. De súbito, o som parou por uns momentos e depois soou um baque seco que eu não consegui perceber de onde vinha. Sentia o coração descompassado e ligeiramente frenético.

Quando estava prestes a fechar a porta, obrigando-me a ignorar o barulho e decidida a meter-me de novo no conforto da minha cama, ouço um gemer pouco convicto, desta vez demasiado perto da porta e dei um salto com a mão a tapar-me a boca para não me denunciar.

Primeiro, ponderei ir buscar a vassoura e ficar à espera atrás da porta. Depois lembrei-me de que era de madeira e pouco letal, por isso corri para dentro de casa, agarrei num pequeno candeeiro de mesa feito de louça, inspirei fundo e, com o candeeiro em riste, saí para o exterior e comecei a caminhar, observando o máximo que podia em redor da propriedade.

A rua estava numa tranquilidade limpa, a brisa mal se notava e tudo estava no seu devido lugar, à exceção do enorme vulto caído à beira da estrada, meio escondido pelo contentor do lixo, em posição fetal. Quem era, tossiu, assustando-me, mas eu estava armada e quem quer que fosse estava deitado e, esperava eu, ainda não tinha dado pela minha presença. Pelo tamanho do corpo e largura dos ombros pareceu-me ser um homem. Longe, o sino da igreja municipal badalou quatro vezes.

Decidida a não me deixar intimidar, continuei a caminhar com os pés descalços a pisarem a gravilha fria até que confirmei que era um rapaz. Respirava com fragilidade, fazia um ruído esquisito como se o ar lhe cortasse a garganta de cada vez que entrava ou saia. Só quando estava a meio do caminho é que me questionei se seria seguro. Quero dizer, se estivesse ferido não me aconteceria nada e quanto mais me aproximava menos sentido fazia ficar com medo. Que tipo de pessoa andava na rua a estas horas e a esconder-se atrás dos contentores do lixo!? Se estivesse ferido, o mais consciente seria ir ao posto médico.

Já estava perto o suficiente para o reconhecer, graças ao candeeiro de rua três metros ao lado do sítio onde ele estava, e fiquei espantada de incredulidade. O rapaz tinha cortes na cara e hematomas nos braços nus. Um dos pés estava descalço e via-se uma meia escura rota, com certeza de andar de rojo no chão. Certa de que não me faria mal, ajoelhei-me ao seu lado e pousei o candeeiro no chão. Toquei-lhe na testa, estava gelado.

— Jeffrey? — chamei. Se possível, todo ele se encolheu mais.

Capítulo 3

Ouvi um rugir a subir a estrada e um jipe, que eu não consegui perceber a marca devido aos faróis no máximo. O veículo parou com um chiar de pneus mesmo à frente da entrada da casa. Não sei se o condutor me viu ou ao Jeffrey, mas tão depressa como parou, arrancou, deixando um rasto de borracha no alcatrão. Não sabia muito bem o que fazer. O Jeffrey parecia-me semi-inconsciente e talvez fosse prudente levá-lo às urgências. Mas este pensamento trouxe outro consigo. Se tinha levado uma sova, porque não chamara a polícia? E se não tinha chamado a polícia, quereria ele que a polícia soubesse de todo? Porque se aquele carro vinha atrás dele, é porque o conhecia e se o conhecia e não o denunciara, talvez tivesse um motivo plausível para tal.

Com os nervos em franja, abanei-o.

— Jeffrey, consegues ouvir-me? — Não podia continuar ali na rua. Aliás, nem eu, nem ele. Por alguma razão, tinha a sensação de que o jipe viera atrás do Jeffrey como que para verificar o seu estado.

O rapaz, branco como a cal, com pequenos fios de sangue no rosto, entreabriu os olhos com um gemido.

— Consegues levantar-te? — perguntei, pensando se conseguiria soerguê-lo de alguma forma.

Com movimentos tímidos e forçados, moveu-se até se levantar, desajeitadamente, e consegui ver-lhe o rosto por completo. Os cortes pareciam superficiais. A parte de baixo do olho esquerdo estava em tons de azul e roxo, mostrando um inchaço vigoroso e tinha sangue seco no nariz. Quando cambaleou, como se não conseguisse aguentar o peso do próprio corpo, apressei-me a ampará-lo o melhor que pude, passando o seu braço por cima dos meus ombros e rodeando-lhe o flanco.

— Vais ter de me ajudar um pouco — pedi ante o seu peso que devia ser o dobro do meu. — Jeffrey, tenta andar senão, não te conseguirei levar para dentro.

Num passo quase doloroso e lento, com o Jeffrey sucessivamente a tropeçar nos próprios pés, meti-nos em casa, fechando a custo a porta e rodando

a chave. Não pensei muito nas opções. Para desagrado das minhas costas, estava fora de questão deixá-lo no sofá, não me apetecia uma discussão matinal sobre o facto de estar um rapaz que ninguém conhecia dentro de casa. Além de que as culpas cairiam mais uma vez sobre a Janet.

Subimos para o segundo piso com o Jeffrey quase de rojo e, sabe-se lá como, a minha irmã e o Josef não acordaram com o barulho dos nossos passos pesados nas escadas. Tão rápido quanto pude, esgueirei-nos para o quarto e pousei-o na cama onde ele imediatamente tombou. Não conseguia dizer se estava consciente. Encostei-me por momentos à cómoda para descansar os músculos e restabelecer a respiração regular, depois fui até à casa de banho e, pegando numa toalha de rosto, abri a torneira da água fria. Já vira a Janet limpar as feridas do Josef quando ele chegava a casa depois das rixas que arranjava nos cafés e decidi imitar-lhe o gesto.

— Diane? — Assustei-me de morte quando a minha irmã me chamou da porta da casa de banho.

— Credo, Jane! Não me assustes assim! — Mais uma vez tive de me apoiar e respirar fundo. O que se passava hoje com esta gente?

— O que se passa? — perguntou na sua voz de sono. — Ouvi-te subir as escadas.

— Sim, hum… — Precisava rapidamente de uma desculpa. — Pensei em ir comer, mas na verdade estou um bocado indisposta. — Pousei uma mão sobre o estômago como que em confirmação.

— Queres um chá? — Endireitou as costas, obrigando-se a despertar.

— Não, deixa estar, vou deitar-me e ver se passa. — Torci a toalha e passei-a na testa.

— De certeza? Não me custa nada.

— A sério. Se eu precisar de alguma coisa bato à porta do teu quarto — garanti.

Meio convencida, a Janet voltou para o seu quarto a arrastar as pantufas no chão e, quando deixei de ouvir os seus passos no soalho de madeira, voltei rapidamente ao quarto. Por sorte, devido ao sono, a Janet não vira o Jeffrey, já que me esquecera da porta aberta. Tinha os pés no chão e o corpo em cima da colcha, estava todo torto, mas a respiração estava mais regular. Tirei-lhe o ténis que restava e puxei-lhe os pés para cima da cama. A roupa estava suja de terra e manchas indistintas, mas concentrei-me no que podia ajudar. Passei-lhe a toalha húmida no rosto, limpando os cortes e o nariz e, dobrando a toalha, pousei o lado mais limpo sobre o alto escuro sob o olho.

Afastei-me para vestir o robe e finalmente atenuar o frio, calcei umas meias polares e tornei a aproximar-me dele. Cobri-o com uma manta tirada

do guarda-fatos e sentei-me no chão encostada à cama. Claramente não pensara muito nos pormenores. Onde ia eu dormir? Não me ia deitar ao lado dele, não havia espaço na minha cama de solteira e não sei se seria prudente dormir com um rapaz que mal conhecia.

Sim, não podia dizer que o conhecia. Além da breve descrição dos boatos de que a Anna falara, pouco mais sabia sobre ele. Era da minha idade, eu faria dezoito anos dali a duas semanas. Ele já devia ter carta de condução porque já o vira conduzir um *Citroën* vermelho do século passado, mas bem estimado e, como a Anna referiu, era o aluno com a média mais alta da turma, com notas a rondar os dezoito e dezanove valores. Vivia com a irmã e, depois disso, mais nada. Passou-me pela cabeça, por breves instantes, a frase que a minha melhor amiga dissera: «Todos os boatos têm um fundo de verdade», mas rapidamente afastei o pensamento. O Jeffrey fora obviamente alvo de algum tipo de agressão, sobre a qual lhe perguntaria pela manhã, mas estava fora de questão deixá-lo na rua. Não aguentaria a culpa se algo pior acontecesse ou se simplesmente o ignorasse. Seria desumano da minha parte.

Não dera por adormecer e acordei com o toque do despertador do telemóvel, com dores nos músculos do pescoço e das costas e com os pés gelados. O Jeffrey sentou-se na cama com a toalha quase seca na mão. Os cortes não tinham sangrado mais, mas o rosto continuava negro e inchado. Levantei-me com uma mão no pescoço e sentei-me ao seu lado.

Ficámos assim por algum tempo, em silêncio.

— Como te sentes? — arrisquei por fim.

Mais uma vez, o Jeffrey não disse nada até começarmos a ouvir sons no quarto da Janet.

— Não faças barulho — pedi sobressaltada, levantando-me e apressando-me a sair do quarto. A minha irmã saiu ao mesmo tempo que eu fechava a porta.

— Bom dia! — sorriu. — Como te sentes?

— Melhor, acho eu. — Forcei um sorriso. — Vou fazer o café enquanto tomas banho. — Apressei-me a dizer-lhe, tentando não transparecer desconforto.

Deixei-a entrar na casa de banho e desci as escadas a correr para não me demorar muito. Pus água no fervedor e café no filtro e quando me virei para voltar ao quarto, deparei-me com o Josef a olhar para mim com ar desconfiado, à porta da cozinha do outro lado da mesa. Ele era baixo para um homem, magro porque não comia, só bebia e tinha sempre olheiras de ressaca nos papos dos olhos. Com o coração a bater fortemente perguntei-me quem me assustaria a seguir.

— Qual é a pressa, princesa? — perguntou.

— Não tenho pressa — respondi-lhe seca.

— Nunca te vi com tanta energia de manhã. — O Josef nem se dera ao trabalho de fingir um duche. Já vestia umas calças de ganga largas e uma camisa de flanela aos quadrados, deslavados do que antes fora um vermelho e preto vivo e agora era um cor-de-rosa pálido com cinzento.

— Já te vi mais pronto para trabalhar e com menos disposição para conversas de manhã — disse-lhe rudemente.

— Não me fales assim! — berrou.

Não era minha intenção mostrar medo, mas dei um passo atrás encostando-me à bancada. Era o que mais me faltava uma birra de ressaca pela manhã.

— Falo como eu quiser, a casa não é tua! — respondi-lhe num tom não tão firme como gostaria.

O Josef deu um passo na minha direção.

— Enquanto não pagares contas, não tens voto na matéria. É melhor que te portes com juízo antes que eu próprio te ponha a andar!

Soltei uma gargalhada desprovida de qualquer humor, e ele eriçou-se como um cão, fulminando-me.

— Que contas pagas tu? — atirei-lhe. — A da tasca?

O Josef estava vermelho de raiva e preparava uma investida quando a minha irmã entrou.

— O que se passa? — perguntou meio a medo, com uma camisa da farda já vestida, calças pretas e a toalha do cabelo no braço para estender na rua.

— É melhor que ponhas a fedelha no lugar ou não respondo por mim — disse, saindo e batendo com a porta de tal forma que a Janet saltou.

— Logo de manhã? — atirou, chateada.

— A culpa não é minha, só estava a fazer o café — defendi-me.

— Sabes que tens de ter calma…

Interrompi-a sem aguentar aquilo.

— Calma coisa nenhuma. Não estou para isto. Tens aqui o café, não esperes para me levar à escola, a Anna vem buscar-me.

Saí da cozinha na esperança de que não tivesse reparado nas duas canecas que levava para o quarto. Apesar de que, com os nervos à flor da pele, tanto me fazia se ela apanhava o Jeffrey no meu quarto ou não.

Entrei com passos pesados e encontrei o Jeffrey numa posição estranha. Estava com metade do corpo enfiado dentro do roupeiro com uma expressão de puro *suspense* no rosto.

— O que é que estás a fazer? — perguntei-lhe, com uma súbita vontade de rir.

— O que te parece que estou a fazer? — sussurrou.

— A esconder-te num guarda-fatos? — disse, pousando uma das canecas na mesa de cabeceira e vendo-o desemaranhar-se de uns cabides pendurados. — Devias ter experimentado isso ontem à noite antes de levares uma sova.

— Ouvi gritos lá em baixo. — Não me passou despercebido o facto de desviar o assunto. — Pensei que os teus pais soubessem que eu estava aqui. Não queria causar-te problemas.

— Não são meus pais — corrigi. — É a minha irmã e o estúpido do penetra dela. — Sentei-me na cama. — E isto foi a nossa maravilhosa rotina da manhã.

O Jeffrey endireitou-se e agarrou a sua caneca.

— Queres falar sobre isso? — perguntou.

— Definitivamente, não.

De tudo o que poderíamos falar, a minha vida familiar estava nas últimas opções dos meus temas de conversa. Seguiu-se um novo silêncio e percebi que se queria saber alguma coisa, tinha de puxar por ele.

— Vais dizer-me o que aconteceu contigo?

— Acho que não preciso — respondeu com descaso, e lá em baixo ouviu-se a porta da rua bater com a saída da minha irmã.

— Achas que não precisas? — Olhei-o incrédula. — Não estou a tentar meter-me na tua vida, mas há menos de três horas arrastei-te para dentro da minha casa, do meu quarto, porque estavas todo ensanguentado atrás de um caixote do lixo. Acho que mereço algum tipo de resposta.

— Por acaso, — começou — o que te leva a pensar, dado os boatos que aquela tua amiga falou, que foi a melhor decisão a tomar?

Levantei-me, estava a ficar de novo irritada.

— Por acaso — disse diante dele —, não é um hábito meu deixar entrar um tipo qualquer no meu quarto, nem encontrar alguém ferido e deixá-lo esvair-se em sangue.

— Ocorreu-te que ninguém no seu perfeito juízo acolheria alguém que mal conhece para sua casa a meio da noite? E não estava ensanguentado. Só tinha o cérebro atrofiado.

— Tens razão — atirei com desdém. — Teria sido mais sensato, dado os boatos que correm, ter chamado a polícia para tratar de ti.

O seu rosto endureceu e percebi que estava a tocar num ponto qualquer. O Jeffrey levantou-se abruptamente e encaminhou-se para a porta.

— Obrigado por me teres ajudado — disse, saindo do quarto sem olhar para mim.